



***Black Mirror* e a cegueira moral da Modernidade**

Black Mirror and the moral blindness of Modernity

Maria Visconti

Mestranda em História e Culturas Políticas
Universidade Federal de Minas Gerais
mariavisconti92@gmail.com

Recebido em: 21/04/2017

Aprovado em: 22/05/2017

RESUMO: A série televisiva *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker, nos apresenta um futuro de distopia, onde a tecnologia avançada tomou conta da vida das pessoas, e com tons de ficção científica. A série, apesar de se passar em um espaço de tempo desconhecido, nos apresenta elementos sociais muito familiares. O episódio retratado nesse texto, *Engenharia reversa (Men against fire)*, nos coloca questionamentos e desconfortos que o sociólogo Zygmunt Bauman há muito tempo nos alertava: de que não aprendemos nada com o Holocausto e de que a sociedade estaria em perigo até hoje, do mesmo jeito que estava em perigo em 1933. O objetivo desse artigo é fazer uma relação entre esse episódio e as teorias de Bauman e Hannah Arendt, acerca das lições do totalitarismo, dos elementos modernos que tornaram o Holocausto possível e da cegueira moral que acomete a sociedade moderna, fazendo com que não estejamos livres de outro Holocausto. Essa concepção se insere na proposta de Pierre Rosanvallon, nos usos da história para o presente e no constante diálogo entre o passado e o presente na história filosófica do político.

PALAVRAS-CHAVE: Black Mirror, Cegueira moral, Extermínio

ABSTRACT: The science fiction television series *Black Mirror*, created by Charlie Brooker, presents a dystopic future in which high technology embraces and overpowers people's lives. The series, although set in an unknown historic period, shows very familiar social elements. The episode analyzed in this paper is entitled *Men against fire* and it raises some of the questions and discomforts that sociologist Zygmunt Bauman warned us about: for instance, the fact that we have learned nothing from the Holocaust, and that society is still in danger today as it was in danger in 1933. This article aims to relate *Men against fire* to the theories of Bauman and Hannah Arendt about the lessons of totalitarianism, the modern elements that made the Holocaust possible and the moral blindness that afflicts modern society – thus showing us that we are still in the possibility of another Holocaust. This proposal echoes the theories of Pierre Rosanvallon regarding the uses of history for the present, and the constant dialogue between past and present within the philosophical history of politics.

KEYWORDS: Black Mirror, Moral blindness, Extermination



Introdução

Black Mirror é uma série de televisão britânica criada por Charlie Brooker, cuja temática envolve ficção científica e um futuro distópico. A série foi sucesso absoluto nas duas primeiras temporadas¹, onde cada episódio tem um elenco, um set, e um enredo diferentes. Apesar de os episódios não terem aparente relação entre si, permitindo ao espectador assistir “fora da ordem”, a série propõe que todos os episódios estejam inseridos, em maior ou menor grau, no mesmo tempo: um futuro de distopia tecnológica. Isso significa que alguns episódios acontecem simultaneamente, ou, em intervalos de tempo próximos, como se tudo estivesse no mesmo universo psicológico.

Inspirada em *Quinta Dimensão (Twilight Zone)*, a série de TV americana que misturava histórias de suspense, fantasia, terror e ficção científica, *Black Mirror* nos lembra o tempo todo dos “efeitos colaterais da tecnologia”. O nome *Black Mirror* é explicado por Brooker como um reflexo dos tempos atuais, onde a tecnologia é como uma droga viciante, e onde o “espelho negro” do título pode ser encontrado em qualquer lugar, na palma da sua mão: a tela fria de uma TV, monitor ou um smartphone². A arte da série também sugere que, ao fim de cada episódio, o espectador se depare com o “espelho negro” de seu monitor.

Após o sucesso pelos fãs e pela crítica, a série, que era transmitida pelo canal de televisão britânica *Channel 4*, foi comprada por 40 milhões de dólares pelo serviço de streaming *Netflix*. Deu-se início a produção de uma temporada americana, criada por Charlie Brooker, que foi ao ar na *Netflix* em outubro de 2016. Este artigo pretende abordar principalmente o episódio 5 dessa terceira temporada, chamado “*Engenharia Reversa*”³(*Men against Fire*). No entanto, ao longo do texto tenho a intenção de mencionar e analisar alguns outros episódios para reforçar o argumento.

¹ A primeira temporada contou com três episódios e foi ao ar em dezembro de 2011; a segunda teve três episódios e foi ao ar em fevereiro de 2013; e o especial de Natal, com um episódio, foi ao ar em dezembro de 2014.

² O director declara: “Like an addict, I check my Twitter timeline the moment I wake up. And often I wonder: is all this really good for me? For us? None of these things have been foisted upon humankind – we’ve merrily embraced them. But where is it all leading? If technology is a drug – and it does feel like a drug – then what, precisely, are the side-effects? This area – between delight and discomfort – is where Black Mirror, my new drama series, is set. The “black mirror” of the title is the one you’ll find on every wall, on every desk, in the palm of every hand: the cold, shiny screen of a TV, a monitor, a smartphone”. Artigo feito em dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>. Acesso em: 19/04/2017.

³ Neste artigo farei uma descrição detalhada do episódio, contendo partes do enredo e falas dos personagens para a compreensão da proposta teórica.



Engenbaria reversa foi interpretado de várias formas diferentes desde a sua exibição. Sabe-se que o nome em inglês, *Men against fire* é uma clara referência ao livro homônimo, *Men against fire: The problem of Battle Command*, escrito em 1947 pelo historiador militar da Segunda Guerra Mundial e ex combatente da Primeira Guerra Mundial, S.L.A. Marshall. Algumas informações apresentadas no episódio são tiradas desse livro, no qual Marshall entrevista mais de cem mil combatentes da Segunda Guerra e conclui que a cada quatro soldados, apenas um atirava suas armas com a intenção de matar o inimigo. O impacto dessa obra levou a uma reestruturação do treinamento militar, o que fez com que esses números aumentassem consideravelmente na Guerra do Vietnã, uma informação também fornecida no episódio. O produtor da série e do episódio, Charlie Brooker, também declarou outra referência para *Engenbaria Reversa*⁴, o livro de Dave Grossman, *On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society*, publicado em 2009. Essa obra, inspirada nos trabalhos de Marshall, se aprofunda na questão das técnicas que os exércitos utilizam para aumentar o número de morte nas guerras, principalmente nas guerras do século XXI.

Dessa forma, o episódio foi visto como uma crítica às formas modernas de guerra, ou ao ataque aos imigrantes e refugiados, aos perigos das tecnologias de *drones* para o uso em combate, entre outras interpretações. No entanto, escolhi analisa-lo especificamente na chave da sua relação com a perseguição dos judeus durante o regime nazista no século XX, que culminou com o Holocausto, e também sua relação com o que Zygmunt Bauman chama de cegueira moral da sociedade moderna.

O episódio

Engenbaria Reversa foi escrito por Charlie Brooker e dirigida pelo diretor belgo Jakob Verbruggen, onde acompanhamos a vida do personagem Stripe (Malachi Kirby) dentro de suas missões no exército. O episódio começa com a primeira missão de Stripe, onde os soldados têm que ir a uma aldeia investigar um ataque de *baratas* (no original em inglês *roaches*). Já nesse

⁴ Brooker afirma que: “You have to be conditioned to pull the trigger, except for the 2 percent of the population who’s a psychopath who would do it. Most people don’t actually want to shoot people. It takes a lot to override that instinct. You know those [Snapchat] filters where you hold it up to your face and it makes you look like a cartoon rabbit? In a way it’s the chilling military application of that. It turns the enemy into The Other, a bogeyman, a monster. I read a book *On Killing* — a bit of cheerful holiday reading — on the psychological impact of war, and how soldiers are conditioned to kill, which goes against human nature — which in a way should be reassuring. The stuff Michael Kelly is saying, how few soldiers want to pull the trigger, is true. I was reading about how people who dropped firebombs on Dresden didn’t particularly suffer psychological consequences even though they knew they were burning people to death. Whereas if you have to slide a bayonet into somebody’s ribs that stays with you forever”. Entrevista feita em outubro de 2016. Disponível em: <http://ew.com/article/2016/10/23/black-mirror-postmortem-interview-season-3/>. Acesso em: 19/04/2016.



primeiro momento, percebe-se pela reação dos aldeões que as baratas são indesejadas, pois eles dizem que terão de jogar fora tudo o que as baratas haviam tocado, inclusive a comida, que havia sido infectada. O espectador se encontra com esse desconforto logo nos primeiros minutos – a escolha do termo barata não é por acaso, como veremos mais adiante. Também nesse primeiro momento observa-se que os soldados têm “máscaras” (*masks*) implantadas nos olhos, que permitem que eles recebam informações de combate, plantas de terrenos, dados digitalizados, enfim, como se tivessem um *smartphone* nos olhos.

Esse recurso da máscara nos olhos é utilizado em outros episódios de *Black Mirror*, como por exemplo, o terceiro episódio da primeira temporada “Toda a sua história” (*The entire history of you*), onde as pessoas têm uma espécie de grão implantado atrás de suas orelhas que permite que eles registrem tudo o que fazem, veem e ouvem. O personagem principal do episódio, Liam, revisita suas memórias durante toda a trama, às vezes voltando na mesma cena milhares de vezes, e essas cenas e esses replays são vistos pelos próprios olhos do personagem. No especial de Natal (*White Christmas*) também é explorada a possibilidade de as pessoas acessarem a internet através de um dispositivo de realidade aumentada implantado em seus olhos, o *Z-Eye*, que faz com que a imagem que o indivíduo está vendo possa ser acessada por outro pelo computador. Apesar de no episódio em questão os soldados utilizarem as máscaras para outros fins, pode-se perceber que esse recurso é recorrente no universo de *Black Mirror*.

Após informações coletadas na aldeia, os soldados se dirigem à casa do Sr. Heidekker (Francis Magee), que é descrito como um homem com problemas mentais porque alimenta e cuida das baratas, ao contrário de desprezá-las. Nesse momento, um dos soldados afirma que a extinção das baratas está demorando muito tempo por conta de pessoas em aldeias como Heidekker, porque na cidade existiam milhões de baratas e em dois anos elas foram totalmente eliminadas. Stripe logo pergunta: “como alguém pode ser burro o suficiente para ajudar uma barata?”.

Pela forma como o episódio vai se desenvolvendo nesse início, o espectador é levado a acreditar que as baratas são realmente baratas, ou criaturas nojentas, enfim, algum animal bem repulsivo. O discurso da comandante Medina (Sarah Snook) ao chegar na casa de Heidekker, no entanto, já faz com que criemos uma inquietação quanto a essa crença inicial:

Você tem uma cruz na parede, você tem princípios, você acha que toda vida é sagrada. Eu entendo, eu concordo. Se toda vida é sagrada, você se vê obrigado a proteger as baratas. Não é culpa delas que sejam assim, elas não pediram pra nascer assim. Eu entendo, nós entendemos. *Alguma porcaria no sangue delas fez com*



que elas ficassem assim. A doença que elas carregam não liga para a importância da vida, nem pra dor e pra quem mais vai sofrer. Se não detivermos as baratas, daqui há 5, 10, 20 anos, ainda vão nascer crianças assim e elas vão se reproduzir. E esse ciclo de dor não vai parar nunca. Nem a doença, e isso poderia ter sido evitado. Para cada barata que você salva hoje, você condena sabe-se lá quantas pessoas ao sofrimento no futuro. *Não é possível que você ainda as veja como humanas!* É um sentimento compreensível, mas é errôneo. *Temos que acabar com elas para que a humanidade continue existindo.* É a dura verdade. Precisamos fazer sacrifícios.⁵⁶

O incômodo é aumentado já que, à medida que Medina vai proferindo esse discurso, os soldados estão checando a casa em busca de baratas. Rapidamente eles encontram um ninho de baratas, onde é possível observar cobertores e colchões, o que nos leva a imaginar que as baratas não são insetos. Assim que Medina termina seu discurso, Stripe e a soldada Ray (Madeline Brewer) encontram, enfim, as baratas. E vemos seres disformes, com corpo semi-humanos, porém com uma aparência demoníaca, sem olhos e com dentes afiados. O espectador é levado a crer que então, se trata de fato de criaturas não humanas, que talvez tenham sofrido uma mutação ou algo do tipo. A cena se parece com a de um filme de terror protagonizado por zumbis.

A conjuntura do encontro dos soldados com as baratas é um momento chave para a compreensão do episódio. A luta entre eles é desesperadora, as baratas emitem gemidos esganiçados e correm para todos os lados. Stripe consegue atirar em uma, e precisa lutar para matar a segunda. Ele consegue matá-la com uma faca, e mesmo depois de morta continua enfiando a faca em seu corpo, com uma expressão de nojo e medo pela aparência da barata. Ela estava segurando um dispositivo, como se fosse uma pequena lanterna. Ao apertar um botão, a lanterna solta uma luz verde nos olhos de Stripe. A partir daí o personagem começa a ficar desorientado e ter episódios de falhas em sua máscara dos olhos.

Stripe é visto como um herói pela sua tropa, os soldados enfatizam o quanto ele é sortudo por ter matado duas baratas na sua primeira missão. Um ponto muito interessante do episódio é que, ao dormir após essa missão, Stripe vê uma mulher (que aparece no começo do episódio) em um quarto claro. O sonho é visto em primeira pessoa, e logo percebe-se que Stripe e essa mulher estão iniciando uma relação sexual. Na cena seguinte, em uma área de treinamento de tiros, a soldada Ray afirma que “se tivesse matado duas baratas, eu iria querer ficar uma hora gozando!”. Logo entendemos que os soldados são recompensados sexualmente por uma tarefa cumprida com êxito, o que pode levar a uma série de questionamentos.

⁵ ENGENHARIA REVERSA. **Black Mirror**. Netflix: episódio 5, temporada 3. Lançamento 21 de outubro de 2016.

⁶ Todas as citações da série foram transcritas pela autora, assim como os trechos destacados também foram escolhas feitas pela mesma.



Stripe começa a ter falhas na sua máscara e solicita uma visita a um médico, que afirma que ele não tem nenhum problema de saúde e nem na máscara. Ele é encaminhado então para o doutor Arquette (Michael Kelly), que aparece como uma figura de poder. Stripe relata o que está sentindo, a desorientação e as falhas, e Arquette insiste em lhe dizer que não há nada de errado com ele, que ele deveria ter orgulho da sua missão e que lhe providenciaria uma “boa noite de sono”. Novamente, Stripe vai dormir e sonha com a mesma mulher, em uma fantasia sexual que o deixa tão desconfortável que ele acorda. Ao olhar para o lado, observa todos os seus colegas na mesma posição e mexendo os dedos da mesma forma em que ele estava mexendo anteriormente, o que nos leva a entender que todos estavam tendo suas recompensas sexuais nos sonhos. Charlie Brooker afirma que o objetivo dessa cena é de causar incômodo ao espectador, já que se entende que uma das motivações para uma tarefa bem-sucedida é a recompensa sexual. No entanto, o incômodo é porque é um ato vazio e impessoal: o personagem não está tendo relações com uma pessoa real em uma realidade real, e sim, com uma fantasia implantada em seus olhos e recriada em seus sonhos por meio de tecnologia avançada. Logo somos confrontados com outra realidade: os soldados não têm famílias e casas para retornar. Tudo não passa de uma ilusão.

A próxima missão dos soldados é a de ir a um abrigo vazio em busca de baratas. Stripe percebe que sua máscara de olhos está cada vez mais estranha, já que ele começa a sentir o cheiro do ambiente, ouvir os pássaros - coisas que ele não conseguia fazer anteriormente. Ao entrarem no abrigo, eles se separam, e Stripe encontra uma mulher em um dos quartos, muito assustada. Ele avisa a ela que não vai machucá-la, mas que ela deve sair de lá porque o local está infestado de baratas. Ray entra no recinto e atira na mulher, deixando Stripe revoltado, questionando-a por que matou uma mulher inocente. Rapidamente se inicia uma luta intensa entre Stripe, Ray e as baratas. A filmagem se dá de forma que quando Ray atira nas baratas, elas aparecem na sua forma disforme e demoníaca, no entanto, quando elas caem mortas no chão, parecem pessoas normais. O espectador fica com essa aflição durante toda a cena, sem entender se são pessoas ou se são realmente monstros.

Stripe, desesperado, tenta impedir a colega Ray de matar mais pessoas, perguntando por que ela está fazendo isso, por que está assassinando pessoas, ao que ela responde: “são baratas! ”. Nessa luta entre os dois soldados, ambos Ray e Stripe levam tiros. Stripe, no entanto, consegue fugir com uma moça e seu filho, mas acaba desmaiando no meio do caminho. A moça, apesar de amedrontada, salva o soldado e o leva para um esconderijo abaixo do chão. Quando ele acorda, a moça, com uma expressão curiosa, diz: “você me vê como eu sou”, ao que Stripe responde,



indignado: “é claro que eu te vejo”. Ela questiona: “você não vê uma barata? ”, e Stripe diz que ela não é uma barata, porque afinal, baratas são desfiguradas e não falam. A moça explica que ele apenas não consegue ouvi-la, e que os implantes do exército, ou seja, o sistema de máscaras, servem para ajudá-los a lutar e, funcionando corretamente, muda a forma como eles os enxergam. Stripe, assustado, replica: “você são baratas? Mas eu vi as baratas, elas são como monstros, eu as vi! ”. A moça insiste: “os implantes fazem você ver isso”. Logo se inicia um diálogo perturbador:

- Mas os aldeões, os moradores, eles não são do exército! Eles não têm implantes, e eles têm medo das baratas, eles as odeiam!

- *Todo mundo nos odeia.*

- Mas o que eles veem? Os moradores, quando olham pra você, o que eles veem?

- O mesmo que você está vendo agora. Eles nos odeiam do mesmo jeito porque *foram ensinados a nos odiar*. Começou há dez anos, após a guerra. *Com o programa de triagem, com os exames de DNA, depois o registro, as medidas de emergência. De repente todos passaram a nos chamar de criaturas, criaturas imundas*. Por toda parte: na TV, no computador. Dizem que somos doentes, que temos uma fraqueza que está no nosso sangue, que a nossa linhagem não pode continuar existindo. *Que nós não podemos existir*. Meu nome era Catarina, o dele era Alec. *Agora somos apenas baratas.*⁷

Nesse momento, Ray consegue entrar no esconderijo, e atira em Catarina (Ariane Laped) e em Alec. Stripe, assustado, só consegue dizer que era tudo mentira, ao passo que Ray não consegue entender o que acontece com seu colega. Em seguida, a cena muda para Stripe em uma sala toda branca, clara, e Arquette entra trazendo um café. Ele pede desculpas pelo mal funcionamento da sua máscara, dizendo que aquilo não deveria ter acontecido, e que o que Stripe havia relatado ao médico, sobre um dispositivo como uma lanterna com luz verde, era uma invenção das baratas que interferia no sinal das máscaras dos soldados. A luz transmitia um código que tentava desativar o sinal da máscara por dentro, e era uma invenção engenhosa das próprias baratas. Se segue então, a conversa dos dois:

- É tudo mentira. As baratas, são exatamente como nós.

- Claro que são. Por isso são tão perigosas. Nós, humanos, nos damos uma má reputação, mas temos uma grande empatia como espécie. *Não temos de fato vontade de matar uns aos outros. O que é bom, a menos que o seu futuro dependa da extinção do inimigo*. Não sei se você estudou história na escola. Há muitos anos atrás, no início do século XX, a maioria dos soldados nem disparava suas próprias armas. Quando disparavam, miravam acima da cabeça dos inimigos, de propósito. No exército britânico na Primeira Guerra Mundial, o brigadeiro ia até os soldados com uma vara e batia neles para que atirassem. Até mesmo na Segunda Guerra

⁷ ENGENHARIA REVERSA. **Black Mirror**. Netflix: episódio 5, temporada 3. Lançamento 21 de outubro de 2016.



Mundial, em combate, somente de 15 a 20% dos soldados puxavam o gatilho. O destino do mundo estava em risco e apenas 15% deles atiravam. O que se conclui? Isso me diz que a guerra teria acabado bem mais rápido se os militares agissem devidamente. Então nos adaptamos. Treinamento melhor, condições melhores. Chegou a Guerra do Vietnã e o percentual de disparos subiu para 85%. Muitas balas eram atiradas, mas as mortes ainda eram poucas. E quem conseguia de fato matar, costumava voltar com sérios problemas mentais. As coisas continuaram assim até as máscaras chegarem. Veja, as máscaras são a maior arma militar de todas. Elas ajudam com as informações, com a mira, com a comunicação e com o condicionamento. *É muito mais fácil puxar o gatinho mirando no bicho-papão.* Mas não são só os seus olhos, outros sentidos também são afetados. Você não ouve os gritos, não sente o cheiro de sangue e de excrementos.

- Eles são seres humanos!

- Você tem alguma ideia da quantidade de porcarias que eles têm no DNA? Maior probabilidade de câncer, distrofia muscular, esclerose múltipla, síndrome de Sjögren-Larsson, QI baixo, tendências ao crime, desvios sexuais. Está tudo lá. A triagem identifica tudo. É isso que você quer para a próxima geração? Não se sinta mal por fazer o seu trabalho. Os aldeões não o farão. Os moradores da sua cidade não o farão. Eles não têm as máscaras. *As máscaras fazem com que você mate. Você está protegendo a linhagem. Isso, meu amigo, é uma honra.*⁸

Stripe, desesperado, grita que aquilo é um assassinato, que é tudo mentira, que mentiram para ele o tempo todo. Arquette assegura-o que ninguém mentiu para ele, que no momento do implante das máscaras, ele concordou com tudo aquilo. Que as máscaras não são implantadas arbitrariamente, o soldado precisa querer. E o mostra seu vídeo de ingresso do exército, em que ele concorda com os termos de uso daquela máscara, além de dizer que entende por que não se lembrará daquela conversa. Tudo isso fazia parte do processo, e ele havia concordado com aquilo. Arquette lhe apresenta então, duas opções: a reativação e reparo da máscara, onde ele não se lembraria de nada dos últimos dias, ou, a prisão.

O soldado diz com indignação que não aceita mais a máscara. Arquette o lembra: “a máscara é sua amiga, sem ela, você vai se lembrar de tudo que fez”. E mostra para ele a visão da fazenda de Heidekker, para que ele compreendesse o que significava a vida sem a máscara: Stripe se vê assassinando pessoas, e não mais baratas. Ele se vê com uma faca, em cima de um ser humano normal, como ele, assassinando-o de maneira brutal. Vê outros humanos mortos no chão do cômodo. A vida sem máscara é uma vida em que ele via que matou seres humanos assustados e indefesos, e não seres estranhos, disformes, nojentos. Arquette o questiona novamente se ele quer ter essa imagem em sua mente, todos os dias, sozinho em uma cela.

Na próxima cena, vemos Stripe com seu uniforme militar parado em frente a uma casa. Sua máscara havia voltado a funcionar. Ele vê uma casa bonita, arrumada, aconchegante, branca e

⁸ ENGENHARIA REVERSA. **Black Mirror**. Netflix: episódio 5, temporada 3. Lançamento 21 de outubro de 2016.



limpa. A mulher de seus sonhos eróticos o espera na porta. A câmera se afasta e vemos, na verdade, uma casa semidestruída, pichada, suja e vazia. Não havia ninguém ali, mas Stripe havia feito sua escolha: ele não queria ver a realidade. O episódio termina assim.

O diálogo constante entre passado e presente: a história filosófica do político

O objetivo desse artigo se insere em uma tentativa de articular os usos da história no presente, seguindo principalmente a linha de Pierre Rosanvallon de uma história filosófica do político.⁹ Partindo de um conceito mais alargado sobre o *político*, usando definições de Claude Lefort e também de Hannah Arendt, que enxerga o mesmo como baseado na pluralidade humana, na associação de diferentes e na expressão da liberdade, Rosanvallon demonstra que na sociedade moderna, essa noção precisa ser ainda mais ampliada.

Para além da inovação da divisão entre político e política, Rosanvallon está pretendendo analisar as fontes de forma mais profunda e crítica, sem se limitar apenas a uma descrição ou um comentário, sem se ater apenas as grandes obras ou apenas a constituição política. Isso no sentido prático é bastante complexo, porém, se assimila com o que Hannah Arendt entende pelo conceito de *compreensão*.¹⁰ A compreensão de fenômenos políticos e humanos nos é apresentada por Arendt como uma tarefa necessária, porém complexa e profunda, que não cessa e que se liga ao conhecimento. Para a filósofa, não existe nenhum acontecimento em que não seja possível um esforço de compreensão. Esta se mostra necessária para que os homens aceitem o que aconteceu e se reconciliem com o que existe; a compreensão se liga ao outro lado da ação política, que intrinsecamente quer dizer dar um novo início. Não necessariamente quer dizer perdoar e entendo aqui essa proposta como teórica, e não metodológica.

Sendo assim, o historiador da história filosófica do político tem um compromisso político para com o seu tema e, nesse sentido, escrever historiografia é intervir no presente, retomando de certa forma à combatida e criticada “história *magistra vitae*”. Por esse motivo, os grandes problemas históricos de Rosanvallon, estudados por ele durante toda a sua vida em uma tarefa de compreensão, são justamente os conceitos de *democracia* e de *igualdade*. Nesse sentido, ele se aproxima mais de Claude Lefort e Hannah Arendt e se afasta da história dos conceitos proposta por Quentin Skinner¹¹ e também por Reinhart Koselleck. Se, para Rosanvallon,

⁹ ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

¹⁰ ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo** (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

¹¹ Sobre a história dos conceitos, ver: SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político Moderno**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996; KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos**



compreender o passado é importante para compreender o mundo em que estamos e como chegamos aqui (sem deixar de lado a preocupação com o próprio passado, para não correr o risco de anacronismo), e se a história filosófica do político é esse constante diálogo entre passado e presente, a proposta de analisar as referências e relações de uma série televisiva para com o passado e também para com o presente e o futuro, nada mais é do que praticar a história filosófica do político. É buscar compreender as permanências e focar nas continuidades para assim, entender melhor como chegamos até aqui.

Escolhendo as ervas daninhas: A Solução Final da Questão Judaica e da Questão das Baratas

O sociólogo Zygmunt Bauman aponta para as diversas questões que os estudiosos do Holocausto se deparam. O Holocausto¹², além de um evento traumático, foi difícil de compreender em termos tradicionais, pois abalou as estruturas do pensamento e da moralidade humana; para o autor, abalou até a própria ideia de humanidade. O evento, segundo Bauman, era visto então como um desvio no curso da história: como algo inédito, quase patológico, que deveria ser estudado como um câncer em meio a uma sociedade civilizada e que nunca mais aconteceria novamente. Esse evento também foi tratado apenas como um fenômeno da história judaica, sendo abordado quase que exclusivamente em datas comemorativas.

A proposta do sociólogo é a de inserir o Holocausto dentro do contexto da sociedade moderna, trabalhando com as ideias de burocracia, organização, eficiência, obediência. Para ele (como para Hannah Arendt), não compreendemos o Holocausto e por não compreendermos, não apreendemos suas lições e não estaremos atentos aos sinais de alerta caso venha a acontecer algo similar novamente. Bauman entende que todos os elementos que tornaram possível o

tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006; JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos Conceitos: debates e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

¹² O conceito *Holocausto* aparece como uma particularidade do genocídio nazista, para que ele não tenha o mesmo significado dos outros genocídios da história da humanidade. A palavra vem do grego e faz referência a algo queimado sendo oferecido aos deuses como sacrifício, e se popularizou após 1970 como a forma de denominar o massacre dos judeus pela Alemanha nazista, uma referência aos crematórios dos campos de extermínio. Alguns autores, como Giorgio Agamben, se recusam a usar o termo Holocausto para denominar o extermínio dos judeus, por não aceitar a equiparação bíblica com o que aconteceu em Auschwitz, preferindo a utilização da palavra hebraica *Shoah*, que quer dizer calamidade. A insistência do conceito Holocausto nesse texto diz respeito a sua utilização por Zygmunt Bauman em sua proposta de tratá-lo como um fenômeno moderno, e pelo embasamento da extensa produção que consolida o Holocausto como um conceito aplicável. Como aponta Dominick LaCapra, mais importante do que a fixação por um termo ou outro, é a compreensão do caráter indizível do acontecimento dos campos de extermínio, e a limitação de qualquer termo para a explicação do que aconteceu em Auschwitz. Para mais sobre a terminologia. Cf.; AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz.** São Paulo: Boitempo, 2008; LACAPRA, Dominick. **Representing the Holocaust: history, theory, trauma.** Cornell University Press, 1994; DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. Arquivo Maaravi: **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG.** Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007. ISSN: 1982-3053.



Holocausto ainda estão presentes em nossa sociedade e que, portanto, não foi eliminada a possibilidade de outro Holocausto.

Ele afirma que o Holocausto foi tanto um produto quanto um fracasso da civilização moderna e que a modernidade teve um papel ativo na produção desse genocídio. Um produto, devido aos elementos da modernidade que tornaram o Holocausto possível (e que, segundo ele, só foi possível da forma como se deu devido a esses elementos); e um fracasso, pois foi contra a ideia de que o homem marchava em direção ao progresso. O sociólogo apresenta uma análise do genocídio tipicamente moderno, que seria um genocídio com propósito, com um objetivo. O que seria a singularidade e a normalidade do Holocausto? Singular, porque não é equivalente a nenhum outro genocídio da história da humanidade, por ser um genocídio moderno, por ser ligado à burocracia, à ordem, à obediência, à responsabilidade flutuante; um genocídio sistemático, organizado, mecânico. Como não lembrar do caso do julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, onde ele dizia repetidamente que estava “apenas cumprindo ordens”, que “pessoalmente não tinha nada contra os judeus” e que esse “era apenas seu trabalho”¹³? Ao mesmo tempo, sua normalidade está no fato de que o Holocausto se deu devido a fatores ordinários da vida moderna, aos quais geralmente não se presta muita atenção: “neste segundo sentido de sua singularidade, só a combinação de fatores é rara e incomum, mas não os fatores combinados. Separadamente, cada fator é normal”¹⁴.

O processo de implementação das máscaras em *Engenbaria Reversa* é muito similar ao processo de destruição em massa dos judeus. O Holocausto só foi possível porque aliou a moderna burocracia a um projeto de construção de mundo. Segundo Zygmunt Bauman, a burocracia é capaz de ação genocida, mas para isso ela precisa estar aliada a um projeto: uma ideologia. E foi isso que aconteceu na Alemanha nazista. O extermínio dos judeus era mais um trabalho de criação do que de destruição; era preciso a construção de um novo mundo, onde a raça ariana reinaria, por ser naturalmente superior. E para que isso fosse possível, para que esse mundo fosse construído, as raças inferiores deveriam ser eliminadas, pois, como lembra o historiador Raul Hilberg no documentário *Shoah*¹⁵, produzido por Claude Lanzmann em 1985, judeus convertidos podem praticar a sua fé secretamente, judeus emigrados podem voltar, mas

¹³ É neste sentido que Hannah Arendt propõe o conceito de banalidade do mal; um mal que não tem raízes, baseado na ausência de pensamento e, portanto, na ausência de culpa e responsabilidade. Ver em: ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 118.

¹⁵ LANZMANN, Claude. **Shoah**, 1985.



judeus mortos nunca podem voltar. Os judeus iriam morrer naturalmente por serem uma raça inferior, exterminá-los era apenas uma aceleração das Leis da Natureza, como aponta Hannah Arendt.

Bauman, então, nos apresenta o genocídio moderno como a visão de um jardineiro que precisa eliminar as ervas daninhas para manter o jardim sempre bonito:

Alguns jardineiros odeiam as ervas daninhas que estragam seus projetos – uma feiura no meio da beleza, desordem na serena ordenação. Outros não são nada emocionais: trata-se apenas de um problema a ser resolvido, uma tarefa a mais. *O que não faz diferença para as ervas: ambos os jardineiros as exterminam.* Se indagados e com tempo para refletir, os dois concordariam que as ervas devem morrer não tanto pelo que são, mas pelo que deve ser o belo e organizado jardim. *A cultura moderna é um canteiro de jardim. Define-se como um projeto de vida ideal e um arranjo perfeito das condições humanas.* [...] O genocídio moderno, como a cultura moderna em geral, é um trabalho de jardineiro. [...] Se o projeto de um jardim define o que é erva daninha, há ervas daninhas em todo jardim. E ervas daninhas devem ser exterminadas. *Eliminá-las não é uma tarefa destrutiva, mas criativa.* Que não difere em essência de outras atividades que se somam para a construção e manutenção de um perfeito jardim. *Todas as visões da sociedade como um jardim definem parte da população como ervas daninhas.* Que, como quaisquer ervas daninhas, devem ser segregadas, contidas, impedidas de proliferar, removidas e mantidas fora dos limites da sociedade; se todos esses meios se revelarem insuficientes, elas devem ser mortas.¹⁶

Sendo assim, o processo de destruição se dá, para Raul Hilberg, a partir de uma estrutura, que se segue: 1. Definição, 2. Demissão de empregados e destruição das casas de negócio, 3. Concentração, 4. Exploração do trabalho e medidas para matar de fome, 5. Extermínio, 6. Confisco dos bens pessoais.¹⁷

Na definição, são escolhidas as ervas daninhas, ou seja, os elementos que atrapalham o projeto de um jardim mais bonito. Em um segundo momento, esse grupo de pessoas passa a ser excluído do comércio e das formas de convívio social, acabando com a proximidade e produzindo uma distância social. Na concentração, esse processo de distanciamento se completa: “o grupo vitimizado e os restantes não se encontram mais, seus processos de vida não se cruzam, a comunicação estanca”¹⁸. O quarto estágio propõe medidas que parecem misericordiosas, mas que apenas servem para legitimar práticas exterminacionistas, como matar indivíduos para poupá-los do seu sofrimento. Então, quando chega o momento do extermínio em massa, ele não aparece como uma mudança drástica e revolucionária: ele é apenas mais um passo na sequência

¹⁶ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 115-116, grifos meus.

¹⁷ _____. **Modernidade e Holocausto**, p. 219-220.

¹⁸ _____. **Modernidade e Holocausto**, p. 221.



de passos anteriores e, embora não estivesse previsto desde o começo, aparece simplesmente como uma sequência lógica.

Bauman e Hannah Arendt concordam que a forma ideológica do governo nazista trabalhava para que se alguém concordasse com A, deveria concordar com B, C, D, até todas as letras do alfabeto. Pois afinal, qual era o momento em que se poderia dizer que havia chegado ao seu limite, sendo que o próximo passo era apenas um agravante do passo anterior? A confusão moral chega ao ponto de que se alguém se recusasse a fazer C, queria dizer que esteve disposto a fazer até B, mas, em termos morais, o que significa isso? Como Bauman aponta, “nenhum dos passos era inevitável em função do estado que as coisas já tinham atingido, mas cada um deles tornava racional a escolha do estágio seguinte na rota de destruição”¹⁹.

O processo de destruição de uma erva daninha é similar em *Engenharia Reversa*. Como Catarina alega em seu diálogo com Stripe, esse processo começou “com o programa de triagem, com os exames de DNA, depois o registro, as medidas de emergência. De repente todos passaram a nos chamar de criaturas, criaturas imundas”. Foi preciso ensinar às pessoas a odiarem as baratas, e isso não poderia ser feito do dia para noite. Foi necessário um conjunto de ações, burocráticas e precisas, que resultou em aldeões odiando um grupo de pessoas sem precisar de máscaras nos olhos. As máscaras existiam somente para facilitar o extermínio, mas o ódio pelo grupo já estava presente e disseminado.

Ao abordar o racismo antissemita na construção da ideologia nazista, Hannah Arendt possui ideias similares as de Bauman. Para ela, o racismo como ideologia²⁰ é fundamentalmente contraditório: se, por um lado, ele só foi possível devido ao imperialismo, o desenvolvimento técnico e científico e outros aspectos tipicamente modernos, por outro lado, ele vai totalmente em desacordo com as ideias pregadas na Revolução Francesa, de igualdade entre os homens e solidariedade entre os povos. Para Bauman, no entanto, o racismo é um produto estritamente moderno, que só foi possível devido ao avanço da ciência, da tecnologia e das formas de poder estatal.

O racismo moderno é um projeto de engenharia racial (e aqui não podemos deixar de comentar do título do episódio de *Black Mirror*, *Engenharia reversa*): uma necessidade de melhorar a raça para o presente e não para o futuro. Para isso, são identificadas as raças inferiores e utiliza-se linguagens técnicas e biológicas: as raças a serem exterminadas trazem doenças, cargas genéticas

¹⁹ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 221.

²⁰ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



inferiores, pestes, vírus e bactérias. Para não contaminar o projeto de uma sociedade perfeita, precisa-se que essas pessoas parem de se reproduzir e que sejam exterminadas. Como Goebbels havia dito, “a questão judaica é uma questão de higiene política”²¹. As vítimas são desumanizadas, o vocabulário muda para que não se perceba que se tratam de seres humanos, de pessoas iguais a nós, e sim, de “elementos”, “*Figuren*”, “baratas”. As vítimas desumanizadas são isoladas e a violência sai dos olhos do cidadão comum. A violência não deixa de existir, ela apenas está localizada, contida, concentrada. A produção social da distância nos mostra que se o sofrimento está longe, se não vemos, não nos importamos: se não vemos os efeitos práticos de uma ação, dificilmente teremos uma crise moral.

Bauman nos lembra que o extermínio não pode ser emocional. Para ser bem-sucedido, ele não pode contar com apelo emotivo, pelo contrário. A população alemã não aceitava bem atos de violência explícitos, não gostava de assistir os judeus sendo espancados, suas lojas sendo queimadas, suas sinagogas destruídas. Para dar conta de um projeto de genocídio tão grande, era necessária distância, indiferença, a transformação da violência em uma prática puramente técnica e burocrática, e a transformação do assassino em um mero agente sanitário.

Não havia ‘turba’ suficiente para a violência; a visão do assassinato e da destruição desgostava um número equivalente aos que inspirava, enquanto a maioria esmagadora preferia fechar os olhos, tapar os ouvidos e, sobretudo, pôr uma mordaça na boca. *A dizimação em massa foi acompanhada não de comoção emocional, mas de um silêncio mortal de indiferença.* Não era motivo de júbilo, mas de desinteresse público, que ‘se tornou uma corda a mais no laço que apertava inexoravelmente centenas de milhares de pescoços’. O racismo é política primeiro, ideologia depois. E, como toda política, precisa de organização, administradores e especialistas. Como todas as políticas, sua realização requer uma divisão do trabalho e um afastamento eficaz da tarefa dos efeitos desorganizadores da improvisação e do espontaneísmo. Requer que os especialistas não sejam perturbados e tenham liberdade para executar sua tarefa.²²

Bauman explica que o genocídio moderno não é um genocídio como qualquer outro na história da humanidade. Além de ser um genocídio que prevê uma quantidade absurda de pessoas sendo exterminadas, ele se difere por ser um genocídio com propósito. Não é um fim em si, mas um meio para atingir um fim, e o fim é uma sociedade perfeita, saudável, bonita. Exterminar a parte doente da sociedade é apenas um meio para atingir um jardim bonito, é uma proposta de engenharia social. Segundo ele, “é difícil, talvez impossível, chegar à ideia do extermínio de todo

²¹ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 94.

²² _____. **Modernidade e Holocausto**, p. 97.



um povo sem uma imaginação racial, isto é, sem uma visão de defeitos endêmicos e fatais por princípio incuráveis e capazes, além disso, de se propagarem caso não controlados”²³.

Hannah Arendt entende a ideologia como a lógica de uma ideia²⁴, como a explicação do mundo através de um postulado. O racismo por si só não é uma ideologia, ele só se torna ideologia quando o mundo é explicado através da luta entre as raças (no caso da Alemanha, entre os arianos e os judeus, e no caso de *Black Mirror*, entre os humanos e as baratas). A ideologia tem a pretensão de explicar o passado, o presente e o futuro, e não tem nenhum compromisso com a realidade: se não é verdade que os judeus são responsáveis por uma conspiração mundial para acabar com a raça ariana, então vamos modificar os fatos para que isso seja verdade. Sendo assim, o totalitarismo elimina o espaço público onde a liberdade pode aparecer. O terror totalitário elimina a relação entre os homens e a relação entre eu e eu mesmo (*o dois-em-um*). E a ideologia, por fim, elimina a relação com a realidade e com a capacidade de pensar.

As máscaras em *Engenharia Reversa* são a ideologia em sua forma mais bem-sucedida. É através dela que o soldado tem uma visão de mundo de acordo com o que o governo em questão quer que ele acredite: que as baratas são seres inferiores que trazem doenças genéticas e que precisam ser eliminadas para que a próxima geração possa sobreviver. No entanto, como apontado anteriormente, a ideologia já adentrava na sociedade antes da implementação das máscaras. Os aldeões já acreditavam na inferioridade das baratas, as máscaras vieram para facilitar o extermínio e torná-lo menos emocional. Como Arquette afirma, “é muito mais fácil puxar o gatilho mirando no bicho-papão”. Ou seja, é muito mais fácil matar quando não consideramos que quem estamos matando é um ser humano. As máscaras evitam a crise de consciência e impossibilitam a empatia e a dor ao ver outro ser humano sofrendo, dois sentimentos tipicamente humanos, segundo Hannah Arendt. Também por isso, Bauman afirma que é mais fácil emocionalmente exterminar várias pessoas ao mesmo tempo (como o foi nas câmaras de gás) do que atirar em uma pessoa individualmente. É preciso a produção social da distância e, se estamos muito perto e se vemos as consequências de nossos atos, temos mais dificuldade de conseguir fazê-lo.

Por isso Arquette diz que as máscaras são amigas. Elas permitem ao soldado matar seres humanos de maneira bem próxima, mas transformando o ser humano em um ser repugnante. Quando questionado como se sentiu ao matar as baratas, Stripe diz que não sentiu nada, que foi

²³ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 95-96.

²⁴ ARENDT. **Origens do Totalitarismo**.



autodefesa, automático, e exatamente como no treinamento. Afinal, ações automáticas não requerem julgamento moral e muito menos crises de consciência e culpa. Assim, a distância é criada, o soldado não identifica a barata como um membro da mesma espécie, como um ser humano normal. É um monstro, um zumbi, um ser nojento que transmite doenças. A distância não é física, mas é visual, sensitiva. Sem as máscaras, não é tão simples entrar em uma casa e atirar em mulheres e crianças. Segundo Bauman, “é mais fácil cometer atos imorais a cada centímetro a mais de distância social”²⁵, porque a responsabilidade moral para com o Outro requer proximidade.

“Do diabo a pessoas assustadoramente normais e sensatas”²⁶

Bauman, de acordo com Arendt, explica que o mundo moderno é feito por homens e que os perigos para a humanidade não estão concentrados em uma caverna escura cheia de monstros. Pelo contrário: o inferno é o que um homem pode fazer a outro homem. O mal não está concentrado nas guerras e nos regimes totalitários, ele existe como uma realidade paralela e não apenas à ausência do bem. O mal é silencioso, invisível, tipicamente moderno. Ele está à espreita de todo ser humano e ataca toda vez que desviamos o olhar, que não prestamos socorro, que não temos sensibilidade à dor de outro ser humano, que não temos empatia. E esse é um mal muito mais perigoso do que o mal produzido por demônios e monstros. O sociólogo alerta: como seria bom se só os monstros fossem capazes de atos monstruosos, afinal, contra monstros, estamos bem protegidos. Mas estamos bem protegidos contra nós mesmos?

Em seu diálogo com Leonidas Donskis, Bauman explica o conceito de *adiaphorização* da conduta humana, ou seja, a perda de sensibilidade na sociedade moderna:

Um *adiaphoron* é uma saída temporária da nossa própria zona de sensibilidade; a capacidade de não reagir, ou de reagir como se algo estivesse acontecendo não com pessoas, mas como objetos físicos, coisas, e não seres humanos. [...] Resulta que uma ‘pessoa sadia e normal’ pode se transformar durante um tempo em um idiota moral ou um sádico sociopata capaz de matar lentamente outro ser humano, ou em alguém que não demonstra solidariedade diante da dor de um ser humano torturado. Não são necessários termos clínicos – a insanidade moral pode acometer até os mais saudáveis [...] Adiaforização para mim significa os estratagemas voltados para colocar, com intenção ou não, certos atos e/ou a omissão deles em relação a certas categorias de seres humanos *fora* do eixo moral-imoral – ou seja, fora do ‘universo das obrigações morais’ e do reino dos fenômenos sujeitos à avaliação moral; estratagemas para declarar tais ações ou inações, de maneira implícita ou explícita, ‘moralmente

²⁵ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 94.

²⁶ Título do primeiro capítulo do livro *Cegueira Moral*. In: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda de sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.



neutras' e impedir que as escolhas entre elas sejam submetidas a um julgamento ético.²⁷

A adiaforização da conduta humana consiste, portanto, na cegueira moral com relação a um grupo de seres humanos. Esse grupo é colocado como fora do eixo de preocupação moral, são as ervas daninhas. Sendo assim, as escolhas para com esse grupo não obedecem ao mesmo julgamento moral e ético que outros grupos. Definido quem são as ervas daninhas, estas estão fora do universo das obrigações morais, e para elas não existe empatia, respeito e sensibilidade.

A sociologia muitas vezes enxerga a moralidade como socialmente construída, de modo que em uma sociedade uma conduta pode ser considerada moral e em outra não. Bauman e Hannah Arendt apontam para a problemática do julgamento moral estar condicionado à sociedade em que vivemos. Bauman lembra que enquanto a moralidade for entendida e explicada dessa forma, todas as condutas imorais e que desafiam a concepção comum de bem e mal, serão considerados apenas um “resultado de uma falha ou má administração da ‘indústria moral’”, um “desvio da norma”. E dessa maneira, certos questionamentos nunca são compreendidos. Ele explica: “mesmo se condenada pelo grupo – por todos os grupos, aliás – a conduta individual deve ainda ser moral; uma ação recomendada pela sociedade – mesmo pelo conjunto da sociedade em uníssono, pode ainda assim ser imoral”²⁸.

Dessa forma, a moralidade não é produto da sociedade, ela é algo que a sociedade usa e manipula, e os seres humanos têm a responsabilidade moral de resistir à socialização. A responsabilidade pelas ações morais recai sempre no indivíduo, e tudo se resume a uma escolha. O dever moral só conta com a responsabilidade humana essencial e incondicional pelo Outro e muitas vezes posturas morais são posturas de resistência. A administração da moralidade pela sociedade moderna se dá através da produção social da distância, da substituição da responsabilidade moral pela técnica, da tecnologia de segregação, da soberania dos poderes do Estado. Tudo isso em conjunto trabalha para produzir a cegueira moral, a abdicação de condutas éticas para determinado grupo humano. O burocrata não se preocupa com o Outro metafísico, ele preocupa-se com o Outro que é seu chefe, seu colega de trabalho, sua família. E assim são os soldados de *Engenharia Reversa*. Eles não se importam se estão matando seres humanos, eles se importam em cumprir corretamente uma missão para serem bem vistos dentro da organização e claro, para terem uma “boa noite de sono”.

²⁷ BAUMAN; DONSKIS. **Cegueira moral**, p. 48-49;52.

²⁸ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 206.



A moralidade para Hannah Arendt diz respeito ao indivíduo na sua singularidade, e não deve ser confundida com um conjunto de valores, costumes e hábitos que mudam em cada sociedade e em cada época.²⁹ A moralidade tem a ver com o outro que se quer viver junto, pois vivo com os outros e vivo comigo mesma. A transformação do homem burguês nesse homem que só se preocupa com o próprio e não com o comum é, para Hannah Arendt, uma das provas do esfacelamento da política na sociedade moderna. Um funcionário que separou de maneira tão drástica o trabalho da vida privada e familiar passa a não conseguir mais ver nenhuma relação entre as duas. Desse modo, o que ele faz no trabalho é apenas seu trabalho, não importa se seu trabalho consista em exterminar pessoas. O que importa é que o trabalho seja bem executado, que aquela tarefa seja feita da melhor maneira possível, de forma eficiente. Não há espaço para refletir sobre as suas ações, pois quem reflete sobre o que faz, é quem tem um diálogo interno muito claro, o *dois-em-um*: o diálogo silencioso entre eu e eu mesma, que chamamos de consciência.

Hannah Arendt explica que, pensar, implica em refletir sobre as ações e as consequências de suas atitudes. A conclusão disso é se colocar sob julgamento moral. Ao iniciar este diálogo *dois-em-um* (entre eu e eu mesma), entendo que não devo fazer algo porque não quero contradizer a mim mesma, segundo Sócrates, ou, segundo Kant, porque não quero desprezar a mim mesma. A conduta moral, então, não tem relação com nenhuma lei externa. Neste sentido, é melhor estar em desacordo com todos os outros do que estar em desacordo consigo mesma, e ainda, é melhor sofrer o mal do que cometê-lo, porque, ao cometer o mal, estou condenada a viver com o malfeitor numa “intimidade insuportável, nunca posso me livrar dele”. Isto deveria bastar para que o indivíduo soubesse distinguir o certo do errado e mais, para que ele fizesse o certo e evitasse o errado. A consciência então, nada mais é do que estar em paz consigo mesma.

Arendt propõe que mediante a burocracia totalitária, o que ocorreu a pessoas como Eichmann, era que estas se recusavam a fazer este diálogo do *dois-em-um*, de modo que então, jamais se sentiam culpadas e jamais entendiam o que de fato estavam fazendo. Pensavam apenas estar cumprindo uma tarefa e não compreendiam o que aquela tarefa de fato significava – eis o ponto da banalidade do mal.

E o sucesso nesse empenho é fácil porque tudo o que ele tem de fazer é nunca começar o diálogo solitário silencioso que chamamos de pensar, nunca ir para casa e examinar as coisas. Essa não é uma questão de maldade ou bondade, assim como não é uma questão de inteligência ou estupidez. Quem não

²⁹ ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



conhece a interação entre mim e mim mesma (em que examinamos o que dizemos e o que fazemos) não se importará em se contradizer, e isso significa que ele nunca será capaz de prestar contas do que diz ou faz, nem estará disposto a fazê-lo, tampouco se importará em cometer algum crime, pois pode estar seguro de que o ato será esquecido no momento seguinte.³⁰

A questão do mal se torna um dos temas mais estudados por Arendt quando a filósofa vai ao julgamento de Eichmann em Jerusalém. É lá que ela entende que nazistas “ativos” e que corroboraram com o assassinato de milhões de judeus, não eram loucos ou sádicos como se pensava, e sim, homens normais, regulares, trabalhadores, com família, amigos e uma vida perfeitamente igual a de todos os outros. Estes homens estavam tão inseridos naquela máquina totalitária que pensavam apenas estar cumprindo seu dever, que estavam apenas apertando um botão, e não consideravam que esse botão ligava a câmara de gás e que dentro desta câmara de gás, existiam seres humanos que iriam morrer. A banalidade do mal se consiste nesse mal que não tem raízes, que se espalha, que não vem de um motivo maléfico: ele vem, principalmente, da ausência de pensamento e de juízo moral: “a simples, e de fato assustadora, verdade é que sob circunstâncias de permissividade social e legal as pessoas se entregam ao mais ultrajante comportamento criminoso”³¹.

O elemento da capacidade de pensamento para o juízo moral se mostra uma categoria interessante para analisar o episódio de *Black Mirror*. Arendt afirma que: “os maiores malfeitores são aqueles que não se lembram porque nunca pensam naquela questão, e, sem lembrança, nada consegue detê-los”³². Os soldados de *Engenharia Reversa*, ao colocarem a máscara, não se lembram de terem aceitado colocá-las. E as máscaras fazem com que eles exterminem as baratas de forma eficiente, mas quando a máscara é retirada e Stripe se depara com as suas próprias ações, ou seja, quando se lembra do que fez sem a máscara, ele fica desesperado. Quando Stripe vê o que fez sem a máscara, isto é, quando ele reflete sobre suas ações, quando faz o diálogo do *dois-em-um* sem a ideologia, baseado apenas no seu julgamento moral interno, toda a sua estrutura entra em colapso. Arendt explica:

Quando sua profissão o obriga a assassinar pessoas, ele não se considera um assassino, pois não fez isso por inclinação pessoal, e sim em seu papel profissional. Por ele mesmo, jamais faria mal a uma mosca. Se dissermos a um membro dessa nova categoria profissional gerada pelos nossos tempos que ele é responsável pelo que fez, a *única coisa que ele sentirá é que foi traído*. Mas se, sob o

³⁰ ARENDT. **Responsabilidade e Julgamento**, p. 255.

³¹ ARENDT, Hannah. **Crises da República**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 65

³² ARENDT. **Eichmann em Jerusalém**, p. 106



choque da catástrofe, ele realmente toma consciência de que não era apenas um funcionário, *mas também um assassino, sua saída não será a revolta, e sim o suicídio.*³³

É exatamente isso que Stripe sente quando descobre “a verdade” sobre as baratas: que foi traído. Haviam lhe contado mentiras durante toda a sua vida, ele havia sido enganado. Quando Arquette o apresenta seu vídeo de aceitação, que comprova que ele não havia sido traído, ou seja, de que ele tinha consciência do que significava sua aceitação, Stripe entra em crise. A solução poderia ser o suicídio, como Arendt propõe, mas lhe é apresentada outra alternativa: o esquecimento. Ao se ver obrigado a pensar, ele percebe que aquele que matou seres humanos não é alguém com quem ele consegue conviver. Ele não consegue conviver com um assassino pelo resto da vida. Por isso, é mais simples evitar esse confronto moral e valer-se novamente da máscara: assim ele esquece tudo o que fez e não precisa retomar a atividade do pensamento, tornando mais fácil cumprir suas tarefas no exército. A vida com a máscara ou com a ideologia, é mais simples, mais tranquila, mais despreocupada. O diálogo do *dois-em-um* e a responsabilidade moral são mais desagradáveis, requerem a compreensão de que estamos fadados a viver conosco mesmos. É melhor se esconder na cegueira moral e esquecer da responsabilidade essencial para com o Outro.

Quem tem medo do bicho-papão?

Engenheria Reversa é um episódio feito para impactar, e muitas pessoas o descrevem como um episódio que obriga a ponderar sobre os perigos da tecnologia e das formas modernas de guerra. No entanto, penso que é um episódio que serve para refletir sobre a nossa postura como ser humano, para retirar a ideia do mal maléfico e demoníaco. Em *Engenheria Reversa*, Stripe precisa da máscara para assassinar as baratas. No entanto, os aldeões não precisam de máscaras para odiá-las, segregá-las e desprezá-las. Na Alemanha nazista não foram necessárias máscaras para que os funcionários do governo assassinassem milhões de judeus em câmaras de gás, tampouco foram necessárias máscaras para fazer com que a população, em silêncio, aceitasse o desaparecimento de um grupo enorme de pessoas. Tudo o que é preciso é de um discurso ideológico concreto, de organização burocrática e de uma dose tecnológica e científica.

O que *Black Mirror* mostra é tudo isso elevado a um grau muito maior e mais intenso, em um mundo em que existe esse tipo de tecnologia que possibilita a um indivíduo não enxergar outro indivíduo, e sim, um monstro. Todavia, isso já foi feito antes, ainda é feito hoje, em níveis maiores e menores. Como Bauman alerta, não aprendemos nada com o Holocausto. A sociedade

³³ ARENDT. *Compreender*, p. 159.



moderna ainda conta com a mesma cegueira moral, o homem moderno ainda prefere desviar o olhar a enfrentar o próprio julgamento ético. Como Arquette mostra para Stripe, as máscaras não são implantadas à força, o soldado precisa aceita-la, mesmo que depois não se lembre disso. A ideologia não é forçada às pessoas, elas precisam abraça-la.

O mal passa a ocupar, então, uma posição que nada tem a ver com vilões e mocinhos, Deus e Diabo, monstros e humanos, nazistas assassinos e judeus inocentes, humanos puros e baratas doentes. Bethânia Assy reitera: “em um período de colapso moral, o mal ocupa o habitat do normal, do lugar-comum, tornando-se, conseqüentemente, banal, e acaba perdendo uma de suas dimensões mais fundamentais: a tentação”³⁴. Sabemos hoje muito mais sobre o Holocausto do que sabíamos antes, no entanto, ainda não compreendemos suas lições e não estamos livres de nada similar acontecer novamente. É justamente esse o incômodo do episódio de *Black Mirror*, que realmente vem como um soco no estômago.

As vozes de Zygmunt Bauman e de Hannah Arendt ecoam ao fundo: não aprendemos nada. O Holocausto não é um “quadro na parede”, diferente do resto da mobília.³⁵ Aquilo não aconteceu lá, em outro país, em outra época e não é um evento findo em si mesmo. Não somos seres humanos superiores que jamais fariam algo desse tipo novamente. Somos os mesmos seres humanos, cometendo os mesmos erros, vivendo na mesma sociedade, com os mesmos vícios. Arquette não é um louco ou sádico que gosta de ver outras pessoas sofrendo. Ele faz parte de uma estrutura de governo e de sociedade que entende que as ervas daninhas naquele momento são as baratas, e que, portanto, elas têm que ser eliminadas. Pessoalmente, ele pode não ter nada contra elas (assim como Eichmann pessoalmente não tinha nada contra os judeus), no entanto, ele sabe que elas possuem diversas “porcarias” em seu DNA, que comprometem a geração futura. Não são seres humanos, e se não são, se enquadram na adiaforização, na categoria que não se insere no julgamento moral tradicional.

A população civil não é apresentada nesse episódio de *Black Mirror*, não sabemos ao certo como a sociedade lida com a questão das baratas. No entanto, sabemos que Heidekker era visto como uma pessoa com problemas mentais por ajudar as baratas e por não ter medo e nojo delas. Sabemos também, que os aldeões as desprezam. Isso significa que são pessoas diferentes de nós, moralmente inferiores ou facilmente influenciáveis? Que é apenas um seriado, que isso jamais aconteceria em uma realidade concreta? Mas não já aconteceu? A lucidez de Bauman explica:

³⁴ ASSY, Bethânia. **Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt**. São Paulo: Perspectiva, 20015, p. 19.

³⁵ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**.



Não sei como reagiria se um estranho batesse à minha porta e me pedisse para sacrificar a mim mesmo e a minha família para salvar a vida dele. *Tal dilema me foi poupado*. Tenho certeza, porém, de que se me recusasse a abrigá-lo, seria plenamente capaz de me justificar com os outros e comigo mesmo argumentando que, pelo número de vidas salvas e perdidas, *despachar o estranho foi uma decisão inteiramente racional*.³⁶

A oficial Medina tem um discurso muito similar no começo do episódio. Ela diz a Heidekker que enxergar as baratas como seres humanos é um sentimento compreensível, porém errado, pois “para cada barata que você salva hoje, você condena sabe-se lá quantas pessoas ao sofrimento no futuro”. Eliminá-las, portanto, é uma tarefa racional e de criação de uma sociedade melhor e mais sadia. O tempo todo ela justifica suas ações, dizendo que compreende os princípios de Heidekker, mas que eles estão completamente errados no sentido prático da necessidade social do momento. Nos foi poupado o dilema de como agir mediante a eliminação dos judeus na sociedade alemã; também nos foi poupado o dilema de como agir em uma sociedade que odeia um grupo de pessoas chamado de baratas. No entanto, isso não significa que, como seres humanos, somos superiores aos que enfrentaram esse dilema, porque provavelmente conseguiríamos nos justificar, da mesma forma que essas pessoas o fizeram.

Podemos refletir sobre quem a sociedade enxerga hoje como o *bicho-papão*. Árabes, muçulmanos, refugiados, imigrantes, negros, homossexuais, transexuais, mulheres, deficientes físicos. São pessoas que ferem o que a sociedade moderna entende como uma estrutura bonita e sadia e, para que essa definição de ervas daninhas se torne um processo de extermínio, não é preciso muito. Basicamente precisa apenas da aliança entre a ideologia (e um novo projeto de sociedade) e a burocracia. Isso até hoje, só aconteceu uma vez, na Alemanha nazista – e em *Black Mirror*. Para impedir que aconteça de novo, fundamentalmente só há uma esperança: o próprio ser humano.

Hannah Arendt acredita que o totalitarismo foi um regime criado por seres humanos, e que os mesmos seres humanos que o criaram são capazes de destruí-lo, porque somos seres providos do dom da liberdade e da ação. Para ela, a história é feita por homens que agem e que criam, porém não somos capazes de criar nada que dure pare sempre, por isso podemos sempre esperar que o terror acabe. Ou seja, podemos esperar por milagres, porque quem produz os milagres são os próprios homens³⁷. Bauman talvez seja um pouco menos otimista com essa questão, mas ainda assim, reforça a importância da escolha:

³⁶ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 234.

³⁷ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.



*A importância atual do Holocausto está na lição que ele traz para toda a humanidade. A lição do Holocausto é a facilidade com que a maioria das pessoas, colocadas numa situação em que não existe boa escolha ou que a torna muito cara, arranja uma justificativa para escapar ao dever moral (ou não consegue aderir a ele), adotando em vez disso os preceitos do interesse racional e da autopreservação. Em um sistema em que a racionalidade e a ética apontam em sentidos opostos, o grande perdedor é a humanidade. O mal pode fazer o trabalho sujo, apostando que a maioria das pessoas a maior parte do tempo evita fazer coisas imprudentes e temerárias – como resistir ao mal, por exemplo. O mal não precisa nem de seguidores entusiasmados nem do aplauso de um público – basta o instinto de autopreservação, estimulado pelo reconfortante pensamento de que ainda não chegou a minha hora, graças a Deus: me curvando inteiramente ainda posso escapar [...] E há outra lição do Holocausto, de não menos importância. Se a primeira lição é um alerta, a segunda é uma esperança. É a segunda lição que faz valer a pena repetir a primeira. Esta segunda lição nos diz que colocar a autopreservação acima do dever moral não é algo de modo nenhum predeterminado, inevitável ou inelutável. Podemos ser pressionados a fazê-lo, mas não somos forçados a isso, de maneira que não se pode de fato jogar a responsabilidade da ação nos que pressionaram para tal. Não importa quantas pessoas optaram pelo dever moral acima da racionalidade da autopreservação – o que realmente importa é que alguns fizeram essa opção. O mal não é todo-poderoso. Pode-se resistir a ele. O testemunho dos poucos que resistiram dismantela a autoridade lógica da autopreservação – ele revela afinal do que se trata: de uma escolha. Fica-se a imaginar quantos precisariam desafiar essa lógica para incapacitar o mal. Existirá um limiar de desafio além do qual a tecnologia do mal bate pino e é obrigada a parar?.*³⁸

Isso significa que séries como *Black Mirror* nos são tão incômodas porque nos mostram justamente o que nós mesmos seríamos capazes de fazer. E isso traz uma carga de responsabilidade, pois também cabe a nós mesmos mudar o presente e o futuro para que *Engenharia Reversa* não se torne uma realidade, ao invés de “apenas” uma distopia. A questão é que, para Bauman, parece que a sociedade moderna se encontra do mesmo jeito que Stripe ao final do episódio: paralisada encarando uma grande ilusão, porque isso é mais confortável do que as consequências e a dureza da verdade. Hannah Arendt, ao explicar o conceito de compreensão, entende que “vivemos num mundo onde tais coisas são possíveis”, mas que devemos tentar nos reconciliar com esse mundo; ao que Bauman responderia: “onde tais coisas *ainda* são possíveis”.

Hannah Arendt nos lembra que não é porque vivemos no deserto que devemos ser habitantes do deserto³⁹: devemos manter a nossa humanidade e lutar para transformar o deserto em um mundo humano. Devemos entender que ainda há tempo para transformação, e que o pior mal é o mal feito por Ninguém, ou seja, o mal feito de forma mecânica, por quem não pensa sobre suas ações e não consegue assumir responsabilidade por elas. Para ela, refletir sobre essas

³⁸ BAUMAN. **Modernidade e Holocausto**, p. 236, grifos meus.

³⁹ ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.



questões e acreditar que somos capazes de mudar o deserto é importante em tempos em que o Nada e o Ninguém ameaçam destruir esse mesmo mundo. A dúvida e a inquietação restantes, são: será que a humanidade vai conseguir fazer essa transformação no deserto, ou será que *Black Mirror* é uma representação bem provável do futuro iminente do regime de historicidade moderno?